

## Invisibilização da sexualidade no ensino de música: reflexões e provocações

### Comunicação

*Andrielle Evelyn de Sousa Teixeira*  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
*andrigmr@gmail.com*

*Kleyton Luan Felix de Souza*  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
*kleyton.luan.086@ufrn.edu.br*

*Pamella Carneiro Silva*  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
*pamellacs89@gmail.com*

*Ewerthon Lucas de Oliveira Lima Santos*  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
*ewerthon.lucas@gmail.com*

*Aline Diana Medeiros Silva*  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
*diana.silva.035@ufrn.edu.br*

*Francisco Ernani de Lima Barbosa*  
Secretaria da Educação do Estado do Ceará - SEDUC  
*ernanibarbosa2018@gmail.com*

*Mário André W. Oliveira*  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
*mario.andre@ufrn.br*

**Resumo:** A presente comunicação discute a invisibilização da sexualidade no contexto da música e do seu ensino, partindo de nossa percepção sobre tal lacuna em componentes curriculares e em materiais bibliográficos da área. Nesse trabalho, tratamos brevemente dos casos de Horowitz e Tchaikovsky. Buscamos, assim, refletir sobre questões de gênero e sexualidade na música, como dimensões frequentemente negligenciadas ou desconsideradas nos contextos educativo-musicais, em suas mais diferentes possibilidades. Almejamos tratar dessa problemática e propor reflexões, considerando a necessidade de abordagens mais inclusivas, críticas e emancipatórias no ensino da música.

**Palavras-chave:** Ensino de música; Sexualidade; Invisibilização.



## Introdução

Temos assistido nos últimos anos à intensificação do debate sobre gênero, sexualidade e educação musical, o que tem promovido reflexões e gerado bases para mudanças importantes no ensino de música. Embora avanços significativos tenham sido alcançados, ainda há, certamente, a necessidade de fortalecimento da literatura científica nesse campo temático, bem como mudanças nos contextos educacionais. Com vistas a provocar e contribuir com esse debate, a presente comunicação discute a invisibilização das relações de gênero e da sexualidade no ensino de música, partindo de nossa percepção sobre lacunas, relativas ao tema, em componentes curriculares e em materiais bibliográficos da área.

Acreditamos que uma educação musical sensível a essas questões promove a valorização da diversidade, a promoção da igualdade de oportunidades e o desenvolvimento de uma consciência crítica que transcende as fronteiras da música e se estende para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

O trabalho está organizado em seis seções, sendo esta introdução a primeira. A segunda apresenta a motivação e a base deste trabalho: debates no Grupo de Estudos e Pesquisa em Música da UFRN (Grumus). A terceira seção aborda as definições de sexualidade, orientação sexual e homossexualidade. Na quarta, explora-se a relação entre compositor/intérprete e sexualidade, tendo como mote os casos de Piotr Ilich Tchaikovsky e Vladimir Horowitz. A quinta seção discute a invisibilidade da sexualidade na educação musical, destacando as lacunas na formação e atuação em música e, conseqüentemente, no campo da inclusão no ambiente escolar. Por fim, a seção de considerações finais resume as reflexões tecidas ao longo do trabalho e enfatiza a importância de uma abordagem reflexiva sobre essas questões na formação em música, visando à construção de um ambiente educacional democrático, inclusivo e equânime.

## Inquietações iniciais: motivações para a criação deste trabalho

Esta comunicação resulta de inquietações geradas a partir da invisibilização da sexualidade de pessoas LGBTQIAPN+ em componentes curriculares e em materiais bibliográficos da área. Cabe mencionar que o Grumus já conduziu uma pesquisa preliminar



que buscou, entre outros aspectos, conhecer a importância atribuída pela comunidade acadêmica à presença do tema gênero e sexualidade no ensino de música. A pesquisa foi motivada, justamente, pela inquietação de membros do Grupo em função da ausência do tema no currículo e prática docente em música.

Por meio de questionários aplicados a estudantes e docentes da UFRN, buscamos conhecer a percepção que a comunidade apresentava sobre a presença de temáticas em relações de gênero e sexualidade em sua formação e atuação no campo da música, bem como sobre a importância que atribuem a esse tema no âmbito músico-educacional. Os resultados revelaram que, para parte significativa dos/as respondentes, o tema foi/é pouco presente em sua formação musical. Dos 114 participantes da pesquisa, 46 afirmaram que “gênero e sexualidade” na formação acadêmica é algo pouco explorado, o que evidencia uma lacuna na formação musical que, muitas vezes, restringe-se a conhecimentos específicos da área, em detrimento de outros, como gênero e sexualidade – os quais têm, certamente, um caráter contextualizador para a expressão e o fazer musical, ressignificando processos formativos e a relação da música com a sociedade. No entanto, é interessante ressaltar que a pesquisa mostrou que parte significativa da comunidade acadêmica considera esse tema importante na formação musical. Dos 114 participantes, 56 atribuíram como muito relevante a temática “gênero e sexualidade” em suas formações. Essa percepção sugere a necessidade de repensar currículos e o ensino de música, a fim de incorporar de forma mais significativa e abrangente tais discussões na educação musical, considerando as demandas dos sujeitos em formação.

Cabe destacar que o curso de Licenciatura em Música da UFRN possui cerca de 48 disciplinas obrigatórias distribuídas em 9 períodos, sendo que o último deles possui apenas uma disciplina obrigatória, voltada ao Trabalho de Conclusão de Curso. Nas experiências dos/as autores/as-licenciandos/as, questões de gênero e sexualidade realmente não foram contempladas em sua formação.

Tais dados e inquietações fornecem um ponto de partida para o trabalho, reforçando a relevância de examinar criticamente as bases educacionais vigentes e propor alternativas que promovam uma formação musical mais aberta, inclusiva e atenta às questões de gênero e sexualidade, bem como a outras dimensões humanas como etnia, raça, classe, geração, deficiências, entre outras, que não serão foco deste texto em específico, mas que serão

abordadas em trabalhos futuros do Grupo, na perspectiva interseccional. Assim sendo, nossas reflexões aqui apresentadas foram provocadas pela seguinte questão: como superar as lacunas e barreiras curriculares no ensino de música, promovendo uma abordagem mais inclusiva e abrangente em relação às questões de gênero, sexualidade e suas intersecções?

## Conceituando sexualidade, orientação sexual e a homossexualidade

De acordo com Silva (2020, p. 29), não há nenhuma etapa da história em que a sexualidade não esteja presente e, ao nos referirmos a este aspecto da dimensão humana, estamos lidando com uma dimensão sentimental, emocional e afetiva que faz parte do desenvolvimento de qualquer pessoa. É possível afirmar que a sexualidade participa diretamente de todas as esferas da vida, permeando formas de ser, estar, relacionar-se e se expressar no mundo.

A sexualidade pode ser abordada sob diferentes prismas de estudo. Segundo Loyola (1999, p. 39 *apud* Silva, 2020, p. 30), pode ser tratada pelo viés da antropologia, ciências sociais, história, psicanálise, medicina, sociologia e filosofia. Já as perspectivas teóricas concentram-se em duas abordagens predominantes: o essencialismo e o construcionismo.

De acordo com Borges (2009 *apud* SILVA, 2020, p. 30), no essencialismo temos a ideia do inatismo. Aqui, há a defesa da ideia de uma natureza intrínseca que conduz as pessoas à atividade sexual, em que o sexo é concebido como uma força natural que antecede a vida sexual e não é influenciado por fatores culturais e sociais. Já a percepção construcionista desafia a naturalização do feminino e do masculino, questionando a visão de uma sexualidade rígida, fixa e biologicamente determinada por impulsos sexuais (SILVA, 2020, p. 30). Nessa óptica construcionista, Foucault (1988) compreende a sexualidade como social e historicamente construída, dando ao indivíduo a possibilidade de vivenciar e construir diferentes formas de identidades e expressões sexuais e de gênero.

Já a orientação sexual, de acordo com Costa (1994, p. 26 *apud* SILVA, 2020, p. 34), pode ser definida como "a sensação interna de que temos a capacidade de nos relacionar amorosa ou sexualmente com alguém", não sendo essa relação estritamente sexual, mas também afetiva. Dentro das possibilidades desse processo de identificação na orientação



sexual, há a homossexualidade, a bissexualidade, a pansexualidade, além da heterossexualidade.

Cabe destacar que orientações diferentes da heterossexualidade foram – e são – historicamente patologizadas. A homossexualidade chegou a ser considerada um transtorno psicológico décadas atrás. Somente em 1973, a Associação Americana de Psiquiatria (APA) retirou a homossexualidade do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), que é uma referência para os critérios de diagnóstico de distúrbios mentais e emocionais, fazendo com que as teorias de patologização da sexualidade fossem revistas. Porém, apenas em 17 de Maio de 1990 a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da categoria de doença mental, mudando palavra “homossexualismo” para homossexualidade (OAB-RS, 2017).

De acordo com Drescher (2015), ao longo da história moderna, é possível desenvolver uma tipologia descritiva das teorias etiológicas da homossexualidade, que geralmente se enquadram em três categorias amplas: Patologia, Imaturidade e Variação normal. As teorias patologizantes sobre homossexualidade “consideram a homossexualidade adulta como uma doença, uma condição que se desvia do desenvolvimento “normal heterossexual.”<sup>1</sup> (Ibid. Tradução nossa). Consideram-na, portanto, um defeito interno ou elemento patogênico externo à causa, podendo esses eventos serem pré ou pós-natal. Alguns psicanalistas, como Edmund Bergler, afirmam que “Homossexuais são essencialmente pessoas desagradáveis, independentemente de sua aparência agradável ou desagradável.”<sup>2</sup> (BERGLER, 1956, p. 28-29 apud DRESCHER, 2015. Tradução nossa).

A categoria da Imaturidade é geralmente baseada na psicanálise. Ela postula que expressões de sentimentos ou comportamentos homossexuais em uma idade jovem são considerados um estágio normal no caminho para o desenvolvimento da heterossexualidade adulta. Idealmente, a homossexualidade seria apenas uma fase transitória que seria superada. No entanto, caso a homossexualidade persista até a idade adulta, a teoria da imaturidade a

---

<sup>1</sup> These theories regard adult homosexuality as a disease, a condition deviating from “normal,” heterosexual development.

<sup>2</sup> For example, psychiatrist and psychoanalyst Edmund Bergler infamously wrote in a book for general audiences, “I have no bias against homosexuals; for me they are sick people requiring medical help... Still, though I have no bias, I would say: Homosexuals are essentially disagreeable people, regardless of their pleasant or unpleasant outward manner. (...)”



vê como uma "interrupção do desenvolvimento". Aqueles que defendem essa teoria tendem a considerar a imaturidade como relativamente inofensiva ou, pelo menos, não tão problemática em comparação com os que afirmam que a homossexualidade é uma forma de psicopatologia (DRESCHER, 2015). A última teoria, chamada de Variação normal, considera a homossexualidade como um fenômeno natural. Ela vê os indivíduos homossexuais como naturalmente diferentes, assim como ser canhoto. A crença predominante na cultura contemporânea de que as pessoas nascem homossexuais é uma teoria de variação normal. Essas teorias equiparam o que é considerado normal com o que é natural e, portanto, definem a homossexualidade como algo positivo ou, no mínimo, neutro. Como resultado, essas teorias não incluem a homossexualidade nos manuais de diagnóstico psiquiátrico. (ibid.)

Apesar de todo o histórico, orientações sexuais diferentes da heterossexualidade continuam alvo de preconceito, discriminação e exclusão, assim como tudo aquilo que foge da cis-heteronormatividade, ou seja que não se enquadram em padrões que determinados grupos sociais estipulam como norma. Na seção a seguir, apresentaremos reflexões sobre o tema a partir dos casos de Piotr Ilich Tchaikovsky e Vladimir Horowitz.

### Refletindo sobre os casos Piotr Ilich Tchaikovsky e Vladimir Horowitz

Na performance e composição, temos os exemplos que nos forneceram as inquietações para a criação deste trabalho: o compositor Piotr Ilich Tchaikovsky e o pianista Vladimir Horowitz. Estes foram escolhidos por serem figuras conhecidas no repertório canônico musical<sup>3</sup>, por pouco se falar sobre as influências que a sua sexualidade teve em suas respectivas obras e áreas de atuação musical, e a época em que viveram: há um recorte temporal próximo vivido pelos dois, tendo Tchaikovsky vivido até o final do século XIX (1840-1893) e Horowitz nascido no início do século XX e falecido próximo ao fim desse mesmo século (1903-1989).

Ao pesquisarmos em bases bibliográficas eletrônicas<sup>4</sup> através das palavras-chave “Tchaikovsky”, “Sexualidade” e “Composição”, encontramos o livro que melhor substanciaria

---

<sup>3</sup>Consideramos repertório canônico como aquele produzido entre os séculos XVII ao início do século XX, de forma eurocentrada.

<sup>4</sup>Google Acadêmico, Catálogo de Teses & Dissertações Capes, Google, Portal EduCapes.



o propósito deste trabalho. Em 2018, Tchaikovsky teve suas cartas publicadas no livro “The Tchaikovsky Papers: unlocking the family archive” (Os documentos de Tchaikovsky: desvendando o arquivo da família)<sup>5</sup>, em que há diversas menções de seus *affairs*, por exemplo, com Vladimir Shilovsky – apelidado por ele de Volodya (Vaidman et. al, p. 177) – a quem foram dedicadas duas obras para piano (op. 10) e, presumidamente, a Sinfonia no. 3 (ibid., p. 253). Nas cartas para seus irmãos Modest e Anatoly, Tchaikovsky revela seu desejo por outros homens sem nenhuma culpa, como vemos em uma das correspondências enviadas a Modest: “Eu paguei minhas dívidas com Alyosha<sup>6</sup> e Evstafy<sup>7</sup>, com quem estou mais apaixonado do que nunca. Meu Deus, que criatura angelical e como eu anseio ser seu escravo, seu brinquedo, sua propriedade!”<sup>8</sup> (Tchaikovsky, p. 171, tradução nossa).

Outro a quem o compositor dedicou suas obras foi Vladimir Davydov – seu sobrinho, a quem chamava carinhosamente de Bob –, dedicando a ele a sua Sinfonia No. 6 (Vaidman et. al., p. 281), também conhecida como Sinfonia Patética. Em uma das cartas para Davydov, o compositor revela tamanha alegria ao receber uma correspondência dele:

E enquanto isso, só posso dizer que não esperava que a chegada de suas cartas me trouxesse tanta alegria. Como um jovem recebendo uma carta de sua amada, até mesmo beijei sem pudor as marcas de suas mãos miseráveis e abomináveis<sup>9</sup> (Tradução nossa a partir da tradução em inglês).<sup>10</sup>

Também há Eduardovich Zak, a quem algumas pessoas atribuem a fantasia Romeu e Julieta. Entretanto, esta afirmação ainda permanece ambígua até hoje. Tratando-se disto, a compreensão das obras de Tchaikovsky permaneceu ligada a sua sexualidade até depois de sua morte, extrapolando o âmbito puramente musical. Como afirma Foucault (1988, p. 42):

---

<sup>5</sup>Tradução nossa.

<sup>6</sup>Seu nome de batismo é Aleksey Ivanovich Sofronov. Foi empregada de Tchaikovsky, a quem ele deu o apelido de Alyosha ou Lyonya. Com ela, foram trocadas cerca de 117 cartas entre 1875 e 1893 até onde se tem registro.

<sup>7</sup>Evstafy Krivenko foi um empregado de Tchaikovsky em Kamenka. (Vaidman et. al, p. 272).

<sup>8</sup> I paid my debts to Alyosha and Evstafy with whom I am more in love than ever. My God, what an angelic creature and how I long to be his slave, his plaything, his property!

<sup>9</sup> Trecho da carta original em russo: “А покамест скажу только, что я сам не ожидал, какую радость мне доставят твои письма. Подобно юноше, получившему письмо от своей возлюбленной, я даже нещадно исцеловал следы твоей паршивой, омерзительной руки.”

<sup>10</sup> Tradução em inglês: “And meanwhile I can only say that I didn't expect the delivery of your letters to bring me such joy. Like a young man receiving a letter from his beloved, I even shamelessly kissed the traces of your wretched, abominable hands.”



O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade.

Por exemplo, a compreensão da Sinfonia No. 6, onde Buchanan (1919, *apud* SMITH, 1992, p. 5) afirma que “A Sexta Sinfonia era geralmente considerada como o melhor exemplo da doença da homossexualidade; 'a sexta sinfonia continua sendo sua expressão da coisa impotente e terrível que futilmente chamamos de hipocondria’” (tradução nossa)<sup>11</sup>. Outras frases como: “A Sexta Sinfonia é aparentemente referida como uma ‘sinfonia da tragédia homossexual’ (ibid. p. 5), “(...) a música de Tchaikovsky não consegue ter um apelo universal porque sua expressão deriva de um sofrimento pessoal que é de origem 'física' (ou seja, sexual)” (Blom, 1927 *apud* Smith, 1992, p. 6), dentre outras. Todas elas possuem uma visão de homossexualidade patológica.

Quando propomos criar este elo entre sexualidade e música, imaginamos que haveria diferentes visões sobre as obras de compositores e sobre os próprios compositores caso suas sexualidades fossem o pontapé inicial para suas criações e essas inquietações tiveram suas confirmações. A imagem de Tchaikovsky mudou conforme o passar do tempo, indo de “um homem tímido e reservado, mas de coração caloroso, para a imagem do recluso neurótico e psicologicamente perturbado.” (Smith, 1992, p. 7). Isso também está ligado ao fato de sua nacionalidade. Smith (1992, p. 4) menciona que na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde a música russa era vista como áspera e estranha, Tchaikovsky conquistou aceitação como um representante do Oriente mais "civilizado", embora ainda exótico. Todos esses fatores como a época, nacionalidade e sexualidade latente contribuíram para a formação da imagem do compositor e interpretação do público geral e críticos de suas obras, sendo os dois indissociáveis.

Já Vladimir Horowitz se torna quase uma incógnita quando se trata de sua sexualidade. Algo dissociável de seu fazer musical e que a maioria dos livros não abarca. Nas pesquisas realizadas no Google Acadêmico, Catálogo de Teses & Dissertações Capes, Google, Portal EduCapes e Biblioteca da Escola de Música da UFRN. Foram utilizadas as palavras-chave:

---

<sup>11</sup> The Sixth Symphony was generally regarded as providing the best example of the disease of homosexuality; 'the sixth symphony remains his expression of the helpless, dreadful thing we so futilely call hypochondria



“Vladimir Horowitz; Sexualidade; Música”, também utilizamos as mesmas palavras em inglês. Ao todo encontramos apenas uma matéria, um livro e um artigo da revista *American Journal of Psychiatry* (2019) no que tange a temática deste trabalho. O livro “*The Piano Student: A novel*” (2020) de Lea Singer, trata do possível romance entre Horowitz e um de seus poucos estudantes de piano: o compositor e intérprete suíço Nico Kaufmann. Kaufmann doou uma série de cartas para um arquivo da Suíça, onde estas retratam “o apaixonado, porém sem esperanças, caso de amor entre Horowitz e Kaufmann na década de 1930.”<sup>12</sup> (ZEITLIN, 2021. Tradução nossa). Apesar da latente presença de Kaufmann na vida de Horowitz, o mesmo não é mencionado na biografia feita por Glen Plaskin em nenhum momento (SINGER, 2021).

Singer (2021), em uma entrevista feita pela plataforma *Zoom*, afirma que o casamento de Horowitz com Wanda Toscanini “não era um casamento, era um acordo. Ele não se casou com Wanda, ele casou com a filha de Toscanini. E Wanda não casou com Horowitz, ela se casou com o mais célebre pianista do mundo.”<sup>13</sup> (ibid. Tradução nossa). Além do casamento por conveniência, Horowitz sofria de fobias múltiplas, uma paralisante ansiedade de palco e episódios graves de depressão (HART; KELLNER, 2019, p. 341).

O primeiro episódio depressivo de Horowitz ocorreu em 1933, o que o levou a ficar dois anos longe de qualquer performance pública. Nesse período, ele “lidou com baixa autoestima de sua musicalidade e, talvez de sua sexualidade também” (ibid.). Por volta de 1940, Horowitz tentou alterar sua orientação sexual através de consultas com o psiquiatra Lawrence Kubie. Após seu segundo caso de depressão severa, Horowitz ficou 12 anos sem tocar em palcos de concerto. Neste mesmo período, houve o enfrentamento da perda de seu padrasto e sua filha Sonia sofreu uma lesão cerebral traumática. Em 1963, houve a primeira Terapia de Eletrochoque (ECT) no Hospital Presbiteriano de Nova York, o que o colocou de volta aos palcos (ibid.). Pelo provável excessivo uso de barbitúricos<sup>14</sup> e de sua depressão, Horowitz passou um longo tempo fora dos palcos. A ECT também, possivelmente, o debilitou.

---

<sup>12</sup>“ (...) depicts the passionate but hopeless love affair between Horowitz and Kaufmann in the 1930s.” (ZEITLIN, Leora, 2021). Disponível em: <<https://www.krwg.org/intermezzo/2021-10-21/a-secret-love-affair-of-vladimir-horowitz-an-interview-with-lea-singer-and-elisabeth-lauffer>>. Acesso em: 01/07/2023.

<sup>13</sup>“It was not a marriage, it was a deal,” Singer says in this Zoom interview with Intermezzo host Leora Zeitlin. (Ibid.).

<sup>14</sup>“Os barbitúricos (ou derivados do ácido barbitúrico) foram por muito tempo, a droga de escolha para o tratamento da insônia. O declínio de seu uso deu-se por vários motivos como: mortes por ingestão acidental, o uso em homicídios e suicídios, e principalmente pelo aparecimento de novas drogas como os



Ademais, devido a todo histórico de discriminação gerado pela cisheteronormatividade na sociedade, tornou-se comum a invisibilização da sexualidade de pessoas LGBTQIAPN+ ao longo da história. Alegando irrelevância a esse aspecto, historiadores, pesquisadores e estudiosos acabaram por não evidenciar em suas obras a importante dimensão da sexualidade de muitos indivíduos marcantes na história da música, tornando assim dificultoso o trabalho de pesquisadores que tentam falar sobre a sexualidade como aspecto relevante e essencial na vida e nas obras desses compositores, em especial em ambientes mais acadêmico-conservadores. Sendo assim, quantos Vladimir Horowitz perdemos na música pelos problemas causados pela discriminação? Quantos compositores tiveram que esconder as motivações de suas composições, tendo que aplicar outro sentido ao produto final por causa de uma sociedade que invisibiliza esse aspecto na música? Afinal, como vimos, a sexualidade não é algo indissociável quando se trata do fazer musical e nem deveria, já que é algo parte da humanidade.

### **A perpetuação da invisibilidade da sexualidade na educação musical**

Na experiência das/os autoras/es, como mencionado, a sexualidade pouco é evidenciada dentro da formação e atuação acadêmica em música. Por exemplo, não tivemos a menção, em nossas formações, sobre as cartas de Tchaikovsky, a motivação de suas obras quando estas tratam sobre sua sexualidade e a pouca ou nenhuma menção do motivo que fez Horowitz ter problemas com suas performances no palco. Isto pode ser reverberado na atuação dos discentes já formados.

Sendo assim, a educação brasileira, de maneira geral, distancia-se de tratar as questões relativas à sexualidade devido a discursos de poder edificados socialmente, desde uma narrativa religiosa ou pseudo-biológica a definir uma noção do que é certo ou errado (TORRES, 2017). Neste sentido, Louro (1997) afirma que a falta da inserção do discurso sobre gênero e sexualidade nos ambientes de ensino se dá pela ideia de que estes temas devem

---

benzodiazepínicos. Hoje em dia, os barbitúricos ainda são utilizados no tratamento de distúrbios convulsivos e na indução da anestesia geral. Os barbitúricos são produzidos através da condensação de derivados do ácido malônico e da uréia.”. Barbitúricos. UNIFESP/EPM. Disponível em:  
<<https://www2.unifesp.br/dpsicobio/drogas/barbi.htm#:~:text=Os%20barbit%C3%BAricos%20>>. Acesso em: 01/07/2023.

recorrer apenas à esfera privada, e não a vida escolar e social. A escola, neste momento, passa a ser um aparelho ideológico de repressão dos sujeitos, construindo um “corpo escolarizado”, onde, ainda segundo Louro (1997, p. 61),

Ali se aprende a olhar e a se olhar, se aprende a ouvir, a falar e a calar; se aprende a preferir. Todos os sentidos são treinados, fazendo com que cada um e cada uma conheça os sons, os cheiros e os sabores 'bons' e decentes e rejeite os indecentes; aprenda o que, a quem e como tocar (ou, na maior parte das vezes, não tocar); fazendo com que tenha algumas habilidades e não outras...

Em contrapartida, as Diretrizes de Direitos Humanos abarcam este aspecto e enfatizam a importância da educação sexual na educação básica, ensino médio (BRASIL, 2013, p. 67) e ensino ambiental (ibid., p. 72), tendo em vista que “a escola de educação básica é um espaço privilegiado de formação pelas contribuições que possibilitam o desenvolvimento do ser humano” (ibid., p. 47), assim como a obrigatoriedade do ensino de música em nossa legislação (Lei nº 11.769/2008). Entretanto, a garantia de que estes direitos serão praticados não é certa. Segundo Wenning (2020, p. 216), ao revisar estudos e documentos legais, observa-se que, apesar de gênero e sexualidade terem se tornado temas públicos e alvo de leis e políticas, existe uma diversidade de conflitos e posicionamentos. Essa diversidade gera tensões, dúvidas e preconceitos entre os professores e professoras na escola. Desta forma, a escola pode tanto reforçar estereótipos e preconceitos, como também, por meio de dispositivos legais e políticas públicas, tentar combatê-los. A educação escolar é um campo de disputas em relação ao seu papel na promoção do respeito à diversidade. Entendemos que a música desempenha um papel na construção das identidades de gênero e sexualidade. No entanto, a literatura na área de educação musical, especialmente no contexto nacional, revela uma escassez de estudos sobre como os professores de música no ensino básico têm lidado com a diversidade de gênero e sexualidade (ibid.), entre outras questões.

### **Considerações finais: a importância de evidenciar a sexualidade na música e no ensino de música**

Com base em nossas inquietações e conceituações apresentadas, consideramos que uma formação em música que não considere ativamente questões de gênero e sexualidade



contribui para perpetuar a invisibilização dessas relevantes dimensões do ser humano e das importantes manifestações artísticas e culturais que dela emergem ou a tangenciam. Ao negligenciar essas questões, corremos o risco de reproduzir e reforçar estereótipos, preconceitos e desigualdades presentes na sociedade, o que compromete a formação integral dos estudantes de música e a construção de um ambiente educacional inclusivo e igualitário.

Nesse sentido, buscamos compreender por que a sexualidade é sistematicamente invisibilizada no ensino de música. Essa indagação se torna essencial para que possamos analisar as implicações dessa invisibilização e compreender como ela afeta o campo educacional e a formação em música. Ao adotar uma abordagem interdisciplinar, que mobiliza conceitos e perspectivas provenientes dos estudos de gênero, sexualidade e educação musical, almejamos fomentar esse debate, considerando a necessidade de abordagens mais inclusivas, críticas e emancipatórias no ensino da música.

## Referências

A secret love affair of Vladimir Horowitz: An interview with Lea Singer and Elisabeth Lauffer. Disponível em: <https://www.krwg.org/intermezzo/2021-10-21/a-secret-love-affair-of-vladimir-horowitz-an-interview-with-lea-singer-and-elisabeth-lauffer>. Acesso em: 01/07/2023.

BLACKING, John. Música, cultura e experiência. Cadernos de Campo da Universidade de São Paulo, São Paulo, v. 16, n. 16, p. 201-218, dez. 2007. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50064/55695> Acesso em: 21 fev. 2019

BRETT, Philip; WOOD, Elizabeth. Lesbian and gay music. Disponível em: <[http://www.rem.ufpr.br/REM/REMv7/Brett\\_Wood/Brett\\_and\\_Wood.html](http://www.rem.ufpr.br/REM/REMv7/Brett_Wood/Brett_and_Wood.html)>. Acesso em: 20/06/2023.

BORRILLO, Daniel. Borrillo, Daniel. Homofobia: história e crítica de um preconceito. Trad. por Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. (Ensaio Geral, 1).

BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais. Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013.

BRASIL. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11769.htm)>. Acesso em: 25/06/2023.

DRESCHER, Jack. (2015). Out of DSM: Depathologizing Homosexuality. Behav Sci (Basel), 5(4), 565-575. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4695779/>>. Acesso em: 24/06/2-3

FOUCAULT, Michael. (1988). História da sexualidade I: A vontade de saber (M. T. da Costa Albuquerque & J. A. Guilhon Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro: Edições Graal.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

OAB-RS. 17 de maio de 1990: o dia em que ser LGBTI deixou de ser doença. Disponível em: <<https://www2.oabrs.org.br/noticia/17-maio-1990-dia-em-que-ser-lgbti-deixou-doenca/24491>>. Acesso em: 3/06/2023.

OLIVEIRA, Wenderson. “Abram os portões do vale: eu vou entrar”: Funk LGBTTQIA+, currículos escolares, estéticas e educação musical. Rascunhos, v. 5, n. 2, p. 156- 176, 2018

SILVA, Lais Ribeiro da. Psicologia e sexualidade: uma análise da formação acadêmica a partir dos atravessamentos da (in)visibilidade de gênero e diversidade sexual nos currículos. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Sexual) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

SMITH, Nigel. Perceptions of homosexuality in Tchaikovsky criticism. Context: Journal of Music Research. No. 4. 1992-93



TORRES, Marco Antonio. A diversidade sexual na educação e os direitos de cidadania LGBT na Escola. Brasil, Autêntica Editora, 2017.

Tchaikovsky Research. "Aleksy Sofronov." Disponível em: <[https://en.tchaikovsky-research.net/pages/Aleksey\\_Sofronov](https://en.tchaikovsky-research.net/pages/Aleksey_Sofronov)>. Acesso em: 25/06/2023.

Tchaikovsky Research. "Letter 4436." Disponível em: <[https://en.tchaikovsky-research.net/pages/Letter\\_4436](https://en.tchaikovsky-research.net/pages/Letter_4436)>. Acesso em: 25/06/2023.

Tchaikovsky Research. "Eduard Sack." Disponível em: <[https://en.tchaikovsky-research.net/pages/Eduard\\_Sack](https://en.tchaikovsky-research.net/pages/Eduard_Sack)>. Acesso em: 25/06/2023.

VAIDMAN, P. E. (Ed.). Tchaikovsky Papers: Unlocking the Family Archive. Edição integral. Trad. por S. Pearl. Marina Kostalevsky (Ed.). New Haven: Yale University Press, 2018. p. 297.

Vladimir Horowitz (1903–1989). Disponível em: <<https://ajp.psychiatryonline.org/doi/10.1176/appi.ajp.2018.18060672>>. Acesso em: 01/07/2023.

WENNING, Gabriela Garbini. Diversidade de gênero e sexualidade na docência de música: um estudo com professores/as de música da educação básica. Revista da Abem, v. 28, p. 211-229, 2020.

